

MUDANÇA GRAMATICAL DO PORTUGUÊS PAULISTA

Dr. Ataliba T. de Castilho (USP)  
Dra. Célia Maria Moraes de Castilho (pós-doutoranda, USP)  
Dr. José da Silva Simões (doutor, USP)  
Dra. Maria Aparecida C. R. Torres Morais et alii (USP)

DIACRONIA DOS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DO TEXTO E DOS GÊNEROS  
DISCURSIVOS NO PORTUGUÊS PAULISTA

Dra. Clélia Cândida Spinardi Jubran (Unesp / São José do Rio Preto)  
Dra. Maria Lúcia C.V.O. Andrade et alii (USP)

DIACRONIA DO LÉXICO: MUDANÇAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS E  
MORFOLÓGICAS DOS VOCÁBULOS

Dr. Mário Eduardo Viaro (USP)

ANÁLISE COMPARATIVA GALEGO - PORTUGUÊS PAULISTA

Dr. Xoan Lagares (UFF)

ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DIACRÔNICO DO PORTUGUÊS PAULISTA

Dr. Marcelo Módolo (USP)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL – Unicamp

H629 História do português paulista / Maria Aparecida C. R. Torres Morais, Maria Lúcia da C. V. de O. Andrade (orgs.). – Campinas, SP: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

494 p. – (Série Estudos ; v.2)

ISBN 978-85-62641-01-5

1. Linguística histórica - Língua portuguesa - Brasil. 2. Língua portuguesa - São Paulo (Estado). 3. Mudança gramatical. 4. História social. 5. Diacronia do texto. I. Torres Morais, Maria Aparecida C. R. e Andrade, Maria Lúcia da C. V. de O.

CDD: 469.798  
CRB: 8/6934

COLABORADORES DO VOLUME

Alessandra Aronne  
Alessandra Castilho Ferreira da Costa  
Amábilis Bianca Nogueira  
Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran  
Criseida Rowena Zambotto-Lima  
Cristina Lopomo Defendi  
Everton Altmayer Leopoldino  
Deize Crispim Pereira  
Helena Hatsue Nagamine Brandão  
Gabriel Antunes de Araujo  
Ian Roberts  
Ilza Ribeiro  
Juanito Avelar  
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida  
Marcello Modesto  
Márcia Santos Duarte de Oliveira  
Marcus Vinicius Lunguinho  
Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais  
Maria Célia Lima-Hernandes  
Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade  
Mário Eduardo Viaro  
Mary Aizawa Kato  
Nilsa Areán-García  
Rafaela Baracat Ribeiro  
Rosane de Andrade Berlinck  
Paulo Roberto Gonçalves Segundo  
Sônia Maria Lazzarini Cyrino  
Verena Lewitz

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
Apresentação do Volume II .....	9
<b>Parte I – MUDANÇA GRAMATICAL</b>	
Cap. 1 Ian Roberts – Taraldsen’s Generalisation and Language Change: Two Ways to Lose Null Subjects .....	27
Cap. 2 Mary A. Kato – <i>O sujeito nulo revisitado no português brasileiro</i> .....	61
Cap. 3 Ilza Ribeiro – <i>O sujeito nulo referencial do português popular brasileiro</i> .....	83
Cap. 4 Marcello Modesto – <i>Null Subjects in Brazilian Portuguese: critique of two possible analyses</i> .....	99
Cap. 5 Cristina Lopomo Defendi – <i>A reduplicação no português culto falado em São Paulo: possível gramaticalização</i> .....	123
Cap. 6 Deize Crispim Pereira – <i>Funções semântico-cognitivas, sintáticas e discursivas favorecedoras e desfavorecedoras do uso do pronomes reflexivo no português popular de São Paulo</i> .....	141
Cap. 7 Verena Kewitz – <i>A representação do espaço no português paulista numa abordagem sociocognitiva</i> .....	181
Cap. 8 Marcus Vinicius Lunguinho – <i>Um aspecto da configuração diacrônica do português paulista: a variação entre ter de e ter que</i> .....	197

- Cap. 9 Maria Aparecida C. R. Torres Morais & Rosane de Andrade Berlinck  
 – *Em busca do português paulista* ..... 217
- Cap. 10 Juanito Avelar & Sonia Maria Lazzarini Cyrino  
 – *Sobre constituintes locativos pré-verbais:  
 paralelismos entre o português brasileiro e as línguas bantu* ..... 249

## Parte II – HISTÓRIA SOCIAL DO PORTUGUÊS PAULISTA

- Cap. 11 Márcia Santos Duarte de Oliveira – *O impacto da cultura negra na  
 constituição do novo mundo: a contribuição dos povos-línguas  
 do grupo Ibom (Povos de Calabar)* ..... 263
- Cap. 12 Maria Célia Lima-Hernandes – *Prontuários médico e corpus  
 do português de São Paulo: vestígios da história social  
 feminina na primeira metade do século XX* ..... 273
- Cap. 13 Gabriel Antunes de Araujo, Manoel Mourivaldo  
 Santiago-Almeida & Criseida Rowena Zambotto-Lima  
 – *O Vigor do rotacismo na Baixada Cuiabana* ..... 293

## Parte III – DIACRONIA DO TEXTO E TRADIÇÕES DISCURSIVAS

- Cap. 14 Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran – *Procedimentos  
 metadiscursivos em cartas de aldeamento de índios* ..... 309
- Cap. 15 Alessandra Castilho Ferreira da Costa – *Tradições  
 discursivas no gênero textual ‘anúncio publicitário’  
 em jornais paulistas do século XIX* ..... 325
- Cap. 16 Helena Hatsue Nagamine Brandão  
 – *Discurso e tradição em anúncios da imprensa paulista:  
 da informação à sedução – imagens do cotidiano* ..... 349
- Cap. 17 Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade – *Trajetórias  
 femininas: estudo de tradições discursivas em cartas da editora  
 de revistas produzidas por mulheres em São Paulo no século XIX* ..... 373
- Cap. 18 Paulo Roberto Gonçalves Segundo – *Tradições discursivas  
 em editoriais da imprensa paulistana de bairro* ..... 391

Cap. 19 Rafaela Baracat Ribeiro – <i>Escolhas lexicais e referência em carta ao leitor numa perspectiva semântico-pragmática</i> .....	407
--	-----

#### Parte IV – LÉXICO E FONOLOGIA

Cap. 20 Amáble Bianca Nogueira – <i>Aspectos Lexicais da Variante Açoriana Catarinense</i> .....	425
--	-----

Cap. 21 Everton Altmayer Leopoldino – <i>Influências lexicais do português caipira no dialeto trentino da comunidade tirolesa de Piracicaba</i> .....	437
---	-----

Cap. 22 Mário Eduardo Viaro – <i>Uma nova metodologia para dados etimológicos e diacrônicos: o problema da datação dos fenômenos</i> .....	445
--	-----

Cap. 23 Nilsa Areán-Garcia – <i>A internacionalidade do sufixo –ista</i> .....	465
--	-----

Cap. 24 Alessandra Aronne – <i>Características fonéticas do falar de fronteira – MG e de São José do Rio Preto – SP</i> .....	487
---	-----

# O VIGOR DO ROTACISMO NA BAIXADA CUIABANA

Gabriel Antunes de Araujo<sup>1</sup>  
Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida<sup>2</sup>  
Criseida Rowena Zambotto-Lima<sup>3</sup>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste texto é tratar do processo fonológico de variação da consoante /l/ no vernáculo de Mata-Cavalo, comunidade localizada na região da Baixada Cuiabana, Mato Grosso.

## 1. O CONTEXTO HISTÓRICO: A LOCALIDADE DE MATA-CAVALO

O complexo Boa Vida/Mata-Cavalo localiza-se no município de Nossa Senhora do Livramento, a aproximadamente 50 quilômetros de Cuiabá, às margens da rodovia MT-60, que liga Cuiabá a Poconé. Estudar a história de Mata-Cavalo é tropeçar na história sociolinguístico-cultural da formação de Mato Grosso, principalmente no que diz respeito à contribuição da ação dos bandeirantes.

Segundo Ferreira (1958: 235-7), a ocupação da região onde hoje se localiza o município de Nossa Senhora do Livramento iniciou-se com a descoberta, em 1730, de lavras de ouro às margens do Ribeirão dos Cocais pelos sorocabanos Antonio Ayres e Damião Rodrigues. Temendo os altos impostos cobrados pelo Estado Português e a baixa na produção aurífera que não mais apresentava o vigor do início da exploração, mineiros de Cuiabá rumaram para o interior à procura de novas minas. Nesse momento de interiorização, entre 1726 e 1727, mineiros que fugiam das perseguições do Capitão General Rodrigo César<sup>4</sup> descobrem ouro, às margens do Ribeirão dos Cocais, a três quilômetros do local onde mais tarde se formou o povoado que viria a ser a sede do município de Nossa Senhora do Livramento.

Com o fim do ciclo da mineração, alguns componentes das bandeiras retornaram à antiga forma de vida dos paulistas pioneiros que chegaram em terras mato-grossenses, no início de século XVIII. Buscaram alternativas para garantir a sobrevivência, sintetizando o *modus vivendi* caipira. Assim, o que antes era apenas área de correrias dos velhos paulistas,

---

<sup>1</sup> FFLCH-USP

<sup>2</sup> FFLCH-USP e ABF

<sup>3</sup> UFMT

<sup>4</sup> Capitão General Rodrigo César de Menezes era governador da Capitania de São Paulo.

na caça aos índios e busca de ouro e outros metais preciosos, transforma-se numa vasta região de “cultura caipira” (2005: 364-82), onde se instalam economias de subsistência, associadas a atividades domésticas e artesanais. Formaram-se, a partir de então, núcleos rurais nos quais conviviam grupos unificados por hábitos, práticas religiosas e formas coletivas de trabalho e lazer, entre eles o núcleo da comunidade de Mata-Cavalo.

A comunidade surge ainda à época da escravidão, no ano de 1883, quando em vida Ana da Silva Tavares, esposa do antigo proprietário Ricardo José Alves Bastos, faz a doação de uma área da sesmaria Boa Vida a seus escravos:

*[...] por ela Dona Ana da Silva Tavares me foi dito que sendo senhora e possuidora de uma parte do ribeirão denominado Mata-Cavalo, com suas vertentes, de cuja parte faz doação a seus escravos, inclusive os que se libertaram por ocasião do inventário do seu finado marido, estimando no valor de cento e cinqüenta mil réis, podendo os doados tomarem posse quando quiserem [...]. (Escritura de doação, Livramento, 15-09-1883; livro de registro 1883-1884; cartório de Livramento – MT)*

Os beneficiários da doação, descendentes de escravos e ex-escravos, formaram em Mata-Cavalo uma sólida organização comunitária. Desde então, a comunidade luta para fazer valer seus direitos, enfrentando fazendeiros interessados em suas terras e práticas políticas coronelistas.

Nos anos trinta do século XX, a comunidade era próspera. As plantações de banana, milho, mandioca, abóbora, arroz, cana e a produção de seus derivados geravam excedentes que eram comercializados na sede do município. Além de roças, possuíam engenhos e criações. As famílias residentes se agruparam em dois núcleos principais: Mata-Cavalo e Mutuca, mas o complexo Sesmaria Boa Vida – Mata-Cavalo é constituído por sete áreas: Ourinhos, Estiva, Aguaçu, Mata-Cavalo, Mata-Cavalo de Cima, Mutuca e Capim Verde-Ventura. Segundo o *Diário Oficial da União*, de 28 de outubro de 1999, a área total é de 11.722 mil hectares, onde vivem aproximadamente 300 famílias.

A vida dos remanescentes de escravos não foi tranquila; eles se viram pressionados por um ininterrupto processo de expulsão de suas terras. A violência passa a ser um dado do cotidiano vivido entre os anos de 1893 -1944. Muitos, se sentindo amedrontados, saíram de Mata-Cavalo. O governo do estado de Mato Grosso chegou a criar assentamentos em áreas marginais urbanas de Cuiabá (Ribeirão do Lipa) e Várzea Grande (Capão do Negro, hoje Cristo Rei) para instalar a população rural negra de Nossa Senhora do Livramento (Moura 2001: 21). Porém, um grupo na área denominada Mutuca resistiu aos jagunços e queimas de roças e constituíram um laço de manutenção entre a terra e seus verdadeiros donos, conseguindo assim conservar a posse de 200 hectares de terra.

Na região da Mutuca vivem cerca de 35 famílias (Assis 1988: 5). Nesta localidade surgiram mecanismos de resistência grupal, através do avivamento da memória do grupo, da afirmação da ancestralidade e do parentesco, criando, assim, uma teia de relações entre seus membros. A comunidade remanescente da Mutuca se configura como núcleo de resistência e representa o vínculo entre terra e herdeiros, possibilitando, inclusive a volta de outros quilombolas para as outras áreas do Complexo Boa Vida – Mata-Cavalo. É devido

a esse vínculo conservador com a terra e os costumes dos que vivem nela, que a comunidade da Mutuca foi escolhida para representar o vernáculo de Mata-Cavalo.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

A Baixada Cuiabana, formada pela capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, e pelos municípios que margeiam as bacias hidrográficas dos rios Cuiabá e Paraguai, tem despertado interesse dos estudiosos da linguagem, sobretudo pelos traços peculiares do português popular das pessoas da baixada, doravante “falar cuiabano”. A necessidade de verificações empíricas do português do Brasil correspondentes às diferentes regiões geográficas fora enfatizada por Amadeu Amaral em seu estudo *O Dialeto Caipira*, de 1920. O tratamento sistemático da variação diatópica, dado por este autor, nos níveis fonético, morfológico e sintático, acrescido de um vocabulário típico, fortaleceu o interesse de se fazer uma descrição dos falares regionais do Brasil.

O interesse em investigar a variedade falada em Mata-Cavalo, na Baixada Cuiabana, foi motivado por duas razões. A primeira por se tratar de uma variedade ainda pouco explorada, inserida na área do falar cuiabano. No âmbito das poucas pesquisas linguísticas realizadas sobre este dialeto, destacam-se cinco trabalhos voltados para os aspectos fonético-fonológicos: Palma (1984); Souza (1999); Santiago-Almeida (2000); Dettoni (2003); Zambotto-Lima (2005); Bertoldo (2007) e Lima (2007). Há, ainda, os livros *Do falar Cuiabano* (Drummond 1976), que trata de alguns aspectos gerais do falar de Cuiabá, *Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso* (Cox & Santiago-Almeida 2005: organizadores), coletânea de artigos sobre o falar cuiabano e *Que Português é Esse? Vozes em conflito* (Cox 2008: organizadora).

A segunda e última razão é a necessidade de descrever e estudar essa variedade de caráter bastante marcado em relação a vários fenômenos fonológicos, morfológicos e sintáticos que lhe conferem singularidades, quando comparada a outras variedades regionais do português brasileiro, e relacioná-la à variedade “caipira”, considerando sua formação, ainda no século XVI, e expansão pela ação dos exploradores, que adentraram o Brasil Central nos séculos XVII e XVIII.

Diante da atualidade e a relevância do estudo e da descrição das diversas variedades dialetais do português brasileiro, propomos uma investigação sobre a variedade linguística do português regional falado na comunidade rural quilombola de Mata-Cavalo, comparando-a com alguns aspectos já estudados da variedade falada na Baixada Cuiabana. A princípio, nossa hipótese verificará se o português de Mata-Cavalo apresenta as mesmas características conservadoras encontradas no dialeto caipira, que segundo Amadeu Amaral *hoje, acha-se acantado em pequenas localidades [...] e na boca das pessoas idosas* (1920: 42).

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, partiu-se de duas hipóteses:

- (1) A hipótese segundo a qual a variedade do falar cuiabano, por se tratar de um falar rural atestado em comunidades localizadas na trilha das bandeiras, revelaria aspectos conservadores do dialeto

caipira relacionado à época das expedições bandeirantes e à variedade do dialeto caipira falada atualmente.

- (2) A segunda hipótese, já tratada por Palma (1984), sugere que o dialeto cuiabano, em seus traços mais marcados estaria em fase de completo desaparecimento desde a década de 1980, de modo que mesmo na fala de adultos a ocorrência de alguns traços caracterizadores do dialeto caipira não mais ocorreriam.

Para a verificação das hipóteses, optamos por uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar, definindo possíveis contextos linguísticos e sociais que pudessem favorecer a observação dos fenômenos de conservação. As propostas da sociolinguística, da dialetologia e da lingüística histórica nortearam o trabalho na coleta de dados, na descrição e na análise dos fenômenos. É sob essa visão interdisciplinar que o fenômeno da variação em Mata-Cavalo será analisado.

De acordo com Santiago-Almeida (2000: 124), os estudos sobre a evolução histórica da língua portuguesa que apontam traços antigos no português brasileiro (PB) não são recentes. As análises de textos antigos têm fornecido argumentos para as discussões sobre a natureza e origem do PB e as descrições linguísticas realizadas nas rotas das bandeiras<sup>5</sup> têm atestado o caráter conservador em determinadas regiões localizadas nessas rotas. Nas décadas de sessenta e setenta do século vinte, o falar cuiabano passou a sofrer grande influência dos migrantes da região sul do Brasil.

No campo linguístico, bem como no cultural, o contato (direto ou indireto) entre o cuiabano e o migrante provocou inúmeras mudanças (Palma 1984: 21). Alguns traços linguísticos do falar cuiabano passaram a ser desprestigiados. Assim, os usuários do falar mato-grossense foram paulatinamente abandonando alguns dos traços estereotipados. Para Hora (2003: 77) *tal processo regularmente ocorre quando falantes de diferentes dialetos entram em contato*. Acrescentamos também que é necessário que haja um conflito latente ou patente entre esses falares. Devido a uma série de acontecimentos sócio-econômicos, depois de 1970, o falar de prestígio passou a ser o do migrante sulino (Castro 2008 aponta o mesmo processo de conflito no falar do sertanejo de Balsas-MA).

O aspecto linguístico explorado nesse artigo é o da realização do segmento consonântico lateral alveolar vozeado /l/, presente no vernáculo dos remanescentes de Mata-Cavalo, na localidade de Nossa Senhora do Livramento, MT. Procura-se contribuir para a discussão acerca da formação sócio-histórica do português popular brasileiro. O construto teórico que deu suporte à pesquisa ancora-se fundamentalmente na sociolinguística laboviana e nas pesquisas dialetológicas realizadas sobre traços fonético-fonológicos do português "caipira". A pesquisa desenvolvida apresentou uma análise da variação dos segmentos fonéticos analisados no(s) falar(es) dos quilombolas, usuários do dialeto cuiabano, sem escolaridade, acima de 45 anos. Entre os trabalhos que discutem esse tipo de variação, além dos já acima citados, há também os efetuados pelo grupo de pesquisa Filologia Bandeirante/USP.

O movimento das bandeiras paulistas em direção ao Centro-Oeste foi, sem dúvida, responsável pela criação de Mato Grosso e pela "irradiação" do dialeto caipira que se estabelecerá definitivamente com o esgotamento do ciclo do ouro, obrigando muitos dos

<sup>5</sup> Acerca das acepções da lexia bandeira e suas derivadas consultar Megale (2000: 15-48).



que compunham as bandeiras a fixarem moradia na região. É um novo modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos anclares de produção de bens de consumo. A população caipira, integrada em bairros, preenche então, as condições mínimas de sobrevivência (Ribeiro 2005: 382-5). Esse cenário de possível de isolamento ou de “imobilismo cultural” (Cunha 1986: 203) permaneceu por muito tempo. Pode-se deduzir que a variante linguística usada pelos mamelucos e mestiços na região não teria encontrado barreiras numa cultura predominantemente oral.

Nos anos sessenta, tem-se a transferência da capital federal para o Centro-Oeste. Em consequência, as atenções do governo federal se voltaram para essa área, viabilizando projetos de ocupação da região. Os colonos sulistas e o processo de expansão para o oeste trouxeram para o estado, juntamente com os migrantes, as variedades usadas por eles. E como geralmente ocorre num processo de colonização algumas forças acabam por frear e tolher a florescência de certos traços marcados. Além da migração, outros contextos vêm favorecendo certa neutralização de traços estigmatizados, dentre os quais se destacam a escolarização e a expansão das redes de comunicação: rádio e televisão.

Melo (1981: 97) constatou que muitos fatos lingüísticos à primeira vista próprios do português do Brasil se encontram também em dialetos de além-mar. *O fundo da linguagem plebéia do português popular do Brasil* coincide em grandes linhas, com fases anteriores da língua portuguesa. *Esse fundo arcaico constitui, por assim dizer, a substância da nossa fala popular.* Embora Holanda (1936: 88-91) tenha defendido que na São Paulo do século XVII e XVIII se falava a língua geral paulista, Oliveira (2002) demonstrou que a questão linguística em São Paulo era um pouco mais complexa e o português era, de fato, a língua de prestígio.

Houaiss (1992: 57), bem como outros autores, sugere a hipótese de que possa ter existido várias línguas gerais pouco duradouras para além da costa brasileira. O predomínio da língua geral paulista, na região das minas, se dá até o início do século XVIII. A partir de então, *a língua portuguesa começa a se espalhar entre a população brasileira até chegar à situação atual* (Naro e Scherre 1993: 438). Foi a partir da difusão da população nos interiores brasileiros que *a linguagem bandeirante se fixou e tendeu a se conservar sempre a mesma* (Melo 1981: 92-3). Para o autor, essa linguagem teria sido, fundamentalmente, o dialeto caipira. De acordo com Santiago-Almeida (2000: 25), o que se pode deduzir é que o substrato lingüístico da região de Mato Grosso, somado ao contexto histórico, contribuiu para *que ainda hoje encontremos, em pleno vigor, no dialeto da Baixada Cuiabana, muitos traços atribuídos, por Amaral (1920), ao dialeto caipira.*

As análises de textos antigos têm fornecido argumentos para as discussões sobre a natureza e origem do português do Brasil, que opõem adeptos de abordagens distintas. A busca da história interna da língua portuguesa é fundamental para a verificação da hipótese de conservação do português brasileiro, principalmente ao que diz respeito às variedades faladas nas áreas rurais. Serafim da Silva Neto (1963: 15) foi o grande fomentador da necessidade de desenvolver no Brasil estudos dialetológicos de campo, sugerindo que a busca de fontes sócio-históricas para reconstruir o percurso histórico da língua portuguesa no Brasil poderia contribuir para os estudos. Defendeu que o português do Brasil se caracteriza pela *unidade* e pelo *conservadorismo*. Cunha (1986: 200), por sua vez, defende

que o mito da unidade da língua popular está sendo progressivamente desmentido pelos Atlas lingüísticos. Já a hipótese da arcaicidade parece mais resistente.

Para a hipótese conservadora, os traços lingüísticos encontrados no português do Brasil seriam devidos mais à característica de conservação do português do primeiro século de colonização do que às inovações aqui introduzidas. Assim, enquanto o português de Portugal sofria processos de mudança que lhe dariam as feições atuais, o português do Brasil, *pelo isolamento das populações transplantadas, teria mantido aqui as características de antes da mudança* (Pagotto 2005: 33). Mattoso Câmara Jr. (1976: 30-1, nota 2) ao sustentar a tese do caráter conservador do mundo rural afirma que *sobrevivências de traços portugueses arcaicos não se eliminaram de áreas isoladas ou laterais em relação às grandes correntes de comunicação da vida colonial*.

É provável que houvesse dois tipos de português falado: um falado no interior, mais arcaico, portanto mais próximo do falar paulista/caipira, outro falado na cidade, com aspectos inovadores. A região de povoamento paulista sempre ficou à margem das inovações ocorridas na metrópole, e “então o português aí falado pode ser um português arcaico” (Castilho 2001: 59). Cunha, por sua vez, defende, de forma polêmica, que o fato de ter a língua portuguesa se desenvolvido no Brasil, durante séculos, em condições *sócio-culturais mais propícias à conservação do que à renovação de suas formas é uma evidência que dispensa maior comprovação* (Cunha 1986: 202). Esse panorama do conservadorismo intenso só será em parte alterado no século XVIII e depois com a vinda da família real (Cunha 1986: 203).

A tese do conservadorismo aqui adotada, a fim de explicar fenômenos existentes no falar da comunidade, não é expansão de uma idéia ligada ao possível prestígio que esse conservadorismo impingiria, mas fruto de verificações empíricas atestadas por pesquisas lingüísticas.

### 3. A FORMAÇÃO DO CORPUS

O material coletado e utilizado nesta pesquisa provém de um trabalho de campo original. Para a recolha dos dados, que ocorreu durante os anos de 2004 e 2005, foram realizadas quinze visitas à comunidade, intermediadas por Laura Ferreira da Silva, uma quilombola descendente de uma das famílias que nunca se retiraram de Mata-Cavalo. Após as primeiras visitas, foi traçado o perfil dos informantes, cujas características podem ser assim resumidas:

- Idade média de cinquenta anos;
- Ser analfabeto ou ter o ensino primário incompleto;
- Ser ligado culturalmente à comunidade;
- Ter sido pouco exposto e influenciado pelas variedades vinculadas nas mídias de massa.

Optou-se por não utilizar o tradicional questionário aplicado nos estudos dialetológicos, julgado inadequado para a finalidade que a pesquisa se propõe: coletar o

vernáculo através de histórias orais. Efetuou-se o planejamento para a escolha de um grupo representativo de informantes que faziam uso cotidiano do vernáculo de Mata-Cavalo. Os informantes foram distribuídos em duas células, dispostas da seguinte maneira:

Faixa etária A (45 a 60 anos):	Faixa etária B (71 a 99 anos):
3 informantes iletrados – 3 homens	6 informantes iletrados – 3 homens e 3
3 informantes alfabetizados – 1 homem e 2	mulheres
mulheres	

Quadro 01. Faixa etária

O *corpus* foi coletado em conversas informais de duração não controlada. As entrevistas foram guiadas por perguntas referentes à formação da comunidade, festas, invasões, famílias mais antigas e histórias da infância, de modo que o vernáculo aflorasse, sempre com o intuito de se criar um ambiente de naturalidade.

#### 4. OROTACISMO

No falar da comunidade de Mata-Cavalo, a consoante lateral alveolar /l/ não apresentou nenhum tipo de alteração em posição inicial de sílaba ou de palavra, realizando-se, como na maioria dos dialetos brasileiros (Cristófaros-Silva 2003: 39), como lateral alveolar sonora [l].

Em final de sílaba ou de palavra e figurando como segunda consoante pré-vocálica de encontros tautossilábicos, a lateral alveolar sonora realiza-se da seguinte maneira:

Nas variedades linguísticas que constituem o português do Brasil, de acordo com Assad & Cox (1999: 150-1), em posição pós-vocálica, o fonema /l/ apresenta inúmeros alofones. Nos dados do *corpus*, verificou-se a ocorrência dos alofones condicionada ao ambiente linguístico em que o segmento se encontra.

No *corpus*, as seguintes ocorrências foram identificadas: final de sílaba ou de palavra, do alofone [ɾ], em lexias como [aɾ'gɛj] <alguém>, [ˈka.ɾmɔ] <calmo>, [izaˈbɛɾ] <Isabel>, [kwaɾˈkɛ] <qualquer>, [[ziraˈsɔɾ] <girassol>, [paˈpɛɾ] <papel>, [ˈkwa.ɾ] <qual>, dentre outras; do alofone [w], como em [reˈaw] <real>, [paˈpɛw] <papel>, [ˈfawtɛ] <falta>, [peɾawˈtazi] <peraltagem>, [pulisˈaw] <policial>, [reawˈmɛti] <realmente>, [awˈgɛj] <alguém>, [pesoˈaw] <pessoal> e [ˈdawvɛ] <Dalva>; da ausência de realização de alofone, portanto, ø, em [ˈkwa] <qual>, [ˈsa] <sa>, [ˈfiva] <Silva>, [maˈnɛ] <Manoel>, [tɛpoˈɾa] <temporal>, [diˈta] <edital>, [kuˈɾa] <curral>, [kaˈkaˈvɛ] <cascaavel>, [aniˈma] <animal>, [diˈfisi] <difícil>, [pesoˈa] <pessoal>, [ʒudiˈsiˈa] <judicial>, dentre outras.

/l/ { [ɾ]  
[ɾ]  
[w]  
[s]  
[ʃ]  
[j]  
ø

Consoante e Fone	Ambiente	Transcrição fonética	Ortografia
/l/ → [r]	#C_V	[grɔ'rʔne]	Glorinha
		[prã'ta]	plantar
		['krɛje]	Cléia
/l/ → [r]	.C_V	[pro'br'me]	problema
		[kõ'frito]	conflito
		['krɔ'zivi]	inclusive
		[i'pɾi'ko]	explicou

Tabela 3 - Realização da consoante /l/ em encontros tautossilábicos

Observando-se as consoantes líquidas /l/ e /r/, desde o latim vulgar até a formação da língua portuguesa, chega-se à conclusão de que representaram um ponto variável no sistema, sendo constantes, não só as metáteses por elas provocadas, mas também a oscilação entre ambas, com nítido predomínio do rotacismo. Cunha (1986: 211) afirma que *a passagem de l a r no falar caipira e em outros falares brasileiros (...) representa uma tendência românica muito difundida, tendo sido uma evolução normal dos grupos de l do latim para o português*, como aponta Coutinho e Williams (*apud* Tarallo 1994: 112-3) nos seguintes exemplos dos grupos consonantais latinos:

bl > br	<i>blandu</i> > brando, <i>obligare</i> > obrigar
fl > fr	<i>flaccu</i> > fraco, <i>affligere</i> > afrigir (arcaico)
gl > gr	<i>glute</i> > grude, <i>reg(u)la</i> > regra
kl > kr	<i>clavu</i> > cravo, <i>eclesia</i> > igreja
pl > pr	<i>placere</i> > prazer, <i>implicare</i> > empregar, <i>duplare</i> > dobrar

Amaral (1976: 52) faz registro, no dialeto caipira, de rotacismo em encontros consonantais cuja segunda consoante é /l/ e se muda em r: *craro*, *cumpretô*, *cramô* (r), *frô*(r). Assim como outros autores, Bagno (1997: 41; 1999: 38) é um dos que extrai de *Os Lusíadas* inúmeros casos de rotacismo, como em *ingrês*, *pubricar*, *pranta*, *fruta*, *frecha*, a fim de demonstrar a força desse processo fonológico na língua portuguesa, não está restrito apenas à fala caipira ou de não-escolarizados.

Ademais, no Brasil, esse traço caracteriza também as variedades faladas por *peessoas de regiões interioranas, sobremaneira aquelas cujo florescimento esteja ligado à entrada das Bandeiras Paulistas, caso da Baixada Cuiabana* (Cox 2005: 104).

Segundo Cox, é provável que o rotacismo tenha sido trazido para a região da Baixada Cuiabana pelos bandeirantes vindos de Piracicaba, berço do dialeto caipira, porém,

sua persistência e intensidade no falar cuiabano estão, certamente, ligadas à difícil e escassa comunicação da região com outras partes do país, ao menos até as primeiras décadas do século XX, à falta de escolas, à quase inexistência da imprensa, à distância do aparelho estatal com sua burocracia e linguagem formal e protocolar, entre outros fatores de unificação (Cox 2005: 104).

Registros do fenômeno na região foram feitos por Franklin da Silva, em um ensaio intitulado *Subsídios para o estudo de Dialectologia em Mato Grosso*, escrito em 1921; por Drummond, em 1978; por Assad & Cox (1999), na grafia de crianças em alfabetização e por Santiago-Almeida (2000). Nessas pesquisas, cujos informantes tinham de mais de 50 anos, baixa escolaridade e com história de vida ligada à Baixada Cuiabana, a produção do rotacismo ocorreu em todos os casos de encontros consonantais com a lateral /l/.

O fonema /l/ realizou-se como vibrante [ä] sempre que figurava como segunda consoante do encontro consonantal nas lexias do *corpus* nas duas faixas etárias, como se verifica na quantificação de ocorrências do quadro abaixo.

Faixa A: 45-60			Faixa B: 70-99		
Consoantes	Ambientes		Consoantes	Ambientes	
	#C__V	.C__V		#C__V	.C__V
/l/ → [r]	100%	100%	/l/ → [r]	100%	100%

Tabela 4 - Ocorrência da consoante /l/ em encontros tautossilábicos

Portanto, na gramática internalizada dos falantes acima de 45 anos da comunidade de Mata-Cavalo parece não haver encontros consonantais com a lateral alveolar /l/. Os falantes dessa comunidade, à margem dos processos de escolarização, com pouco acesso às mídias e, distantes de outros instrumentos para-linguísticos que atuam sobre a língua, estão levando adiante uma deriva fonológica que se insinuara no latim vulgar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fator mais importante na formação de Mato Grosso foi a conquista eminentemente paulista da região Centro-Oeste. O que colaborou para o estabelecimento, nas antigas áreas das expedições bandeirantes, do *modus vivendi* caipira e, conseqüentemente, do uso da variedade da língua portuguesa utilizada pelos que as compunham.

Durante a análise, confirmou-se a afirmação de Amaral (1976) de que alguns traços desse dialeto caipira estariam vivíssimos na linguagem interiorana do Brasil. Porém, tem-se a consciência de que a variedade da comunidade de Mata-Cavalo não é um retrato fiel da variedade portuguesa que chegou à América no início do século XVIII ou de um estágio da língua. Todavia, registraram-se resultados que confirmam a resistência do “mito” da conservação de traços e tendências presentes em uma ou mais fases da língua portuguesa.

De acordo com Cunha (1986: 203) e Castilho (2001: 59), o português falado na região do povoamento paulista era uma variante do português arcaizante. Procurou-se, dessa

maneira, verificar a hipótese segundo a qual a variedade falada em Mata-Cavalo apresentaria traços conservadores. Cox (2005: 111-2) demonstra que o rotacismo, ainda é, nos dias atuais, um fenômeno bastante produtivo na fala dos cuiabanos, não havendo, para o momento, indícios de uma tendência à neutralização.

As mudanças de ordem sócio-econômicas e culturais operadas em Mato Grosso, após 1970, têm afetado as relações de força entre os habitantes locais e os imigrantes, estendendo seus efeitos ao devir do falar cuiabano. Porém, o que se verificou, é que essas forças têm chegado lentamente às regiões mais rurais, como é o caso da comunidade estudada. Alguns traços de conservação, de uma ou mais fases da língua portuguesa, continuam produtivos na variedade falada pelos remanescentes. Tudo indica que essa conservação se deva, não só ao fato de os membros dessa comunidade, principalmente dos entrevistados, terem um contato menos ativo com algumas forças reguladoras de variações estigmatizadas, mas principalmente pelo fato da avaliação da(s) variedade(s), não ser explícita.

Esta pesquisa é apenas um esboço de um dos traços da variedade linguística rural usada pelos remanescentes de Mata-Cavalo. Há ainda, um vasto campo de pesquisa a ser explorado em relação ao(s) falar(es) da Baixada Cuiabana de modo a se traçar um perfil mais completo do que já mudou ou está mudando nessa variedade linguística e dos traços que ainda mantêm grande vigor.

Por fim, numa cultura predominantemente oral, o fenômeno não teria encontrado forças centripetas que pudessem freá-lo. Alguns autores, como o salesiano Mario Bordignon (*apud* Cox 2005: 105) têm sugerido que o vigor do rotacismo na Baixada Cuiabana explicasse, também, pela influência das línguas indígenas faladas na região. De fato, *o bororo não tem a letra "l"* (cf.: Bordignon, *apud* Cox 2005: 105), empregando, em seu lugar fones róticos. Dessa maneira, os índios bororos provavelmente tenderiam a pronunciar o fonema lateral alveolar sonoro do português como uma vibrante simples. No entanto, esta hipótese carece de um estudo científico amplo e deixemos a sugestão para futuros pesquisadores.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu (1920/1976) *O Dialeto Caipira*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC.
- ASSAD, Cáder Faissal; COX, Maria Inês Pagliarini. (1999) *O ele e o erre só trazem "compricação"*. Um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, V. 8, nº 13, p. 143-156, jan./jun..
- ASSIS, Edvaldo de (1988) *Contribuição para o Estudo do Negro*. Cuiabá: EDUFMT.
- BAGNO, Marcos (1997) *A Língua de Eulália*. São Paulo: Contexto.
- BAGNO, Marcos (1999) *Preconceito Lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola.
- BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto (2007) *Estudo semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia*. Dissertação de mestrado. FFLCH/USP, São Paulo.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso (1976) *Estrutura da Língua Portuguesa*. 16 ed., Petrópolis: Vozes.
- CASTILHO, Ataliba (org.) (2001) *Para a História do Português Brasileiro*. Vol I. São Paulo: Humanitas.
- CASTRO, Maria Célia Dias de (2008) *Os aspectos das vogais na fala do sertanejo da região de Balsama*. UFG: Dissertação de Mestrado.
- COX; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (org.) (2005) *Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Catedral.
- COX PAGLIARIN, Maria Inês (2008) *Que português é esse? Vozes em conflito*.

- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís (2003) *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto.
- CUNHA, Celso (1986) Conservação e inovação no português do Brasil. In: *O Eixo e a Roda*. V. 5, Belo Horizonte: FALE, UFMG, p. 199-230.
- DETTONI, Rachel (2003) *A concordância de gênero na Anáfora Pronominal: Variação e Mudança Lingüística no Dialeto da Baixada Cuiabana, Mato Grosso*. Tese (Doutorado em Lingüística) POSLIN/FALE/UFMG. Belo Horizonte.
- DRUMMOND, Maria F. (1976) Do falar Cuiabano. *Cadernos Cuiabanos*. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, nº 05/06, dezembro.
- Escritura de doação, Livramento, 15-09-1883; livro de registro 1883-1884; cartório de Livramento – MT
- FERREIRA, João C. V.(1958) *Mato Grosso e seus Municípios*. Secretaria de Educação e Cultura. Cuiabá.
- HEAD, Brian.(1994) O ‘Dialecto Brasileiro’ segundo Leite de Vasconcellos. In: *Variação Lingüística no Espaço, no tempo e na Sociedade*. APL, Lisboa: Colibri, p. 183-226.
- HORA, Demerval (2003) Fricativas coronais: Análise Variacionista. In: ABRAÇADO, Jussara; RONCARATI, Claudia (org.). *Português Brasileiro: Contato Lingüístico, heterogeneidade e História*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- HOUAISS, Antonio (1992). *O Português no Brasil*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Revan.
- LIMA, José Leonildo (2007) *A variação do gênero gramatical no falar cuiabano*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MELO, Gladstone (1981). *A Língua no Brasil*. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Padrão.
- MOURA, Antonio E (2001) *Coletânea de Textos sobre Nossa Senhora do Livramento e os Remanescentes do Quilombo de Mata-Cavalo*. s/n.
- NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta (1993). Sobre as Origens do Português Popular do Brasil. *DELTA*, Vol. 9, nº especial, p. 437-454.
- PÁDUA, Hosamis Ramos de (2002) *Lingüística e História em Acaba Vida*. Brasília: Ministério de Integração Nacional: UFG.
- PAGOTTO, Emilio Gozze (2005) Variedades do Português no Mundo e no Brasil. *Línguas do Brasil/ Artigos Ciência e Cultura*. Vol. 57, nº 2, São Paulo. Abr./jun.
- PALMA, Maria Luiza Canavarros (1984). *Variação Fonológica na Fala de Mato Grosso: Um estudo Sociolingüístico*. Cuiabá: UFMT.
- PENHA, João Alves Pereira (1974-1975) Aspectos da Linguagem de São Domingos: uma tentativa de descrição da linguagem rural brasileira. *Separata da Revista ALFA*, São Paulo, s/n.
- RIBEIRO, Darcy (2005) *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (2000) *Aspectos Fonológicos do Português Falado na Baixada Cuiabana: traços de Língua Antiga Preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII)*. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo.
- SILVA NETO, Serafim da (1963) *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: INL.
- SOUZA, Ulisete Rodrigues (1999) *Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva criolística*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.
- TARALLO, Fernando (1994) *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática.
- ZAMBOTTO-LIMA, Criseida Rowena (2005) *Aspectos Fonético-Fonológicos Conservadores no Falar de Mata-Cavalo*. Dissertação (Mestrado em Linguagens), UFMT/Cuiabá.